

## O ESTOICISMO E O CETICISMO: AS DUAS VIAS FILOSÓFICAS PARA A CONSTRUÇÃO DO PARADOXO ENTRE GRANDEZA E MISÉRIA EM BLAISE PASCAL<sup>1</sup>

### STOICISM AND SKEPTICISM: THE TWO PHILOSOPHICAL WAYS FOR THE CONSTRUCTION OF THE PARADOX BETWEEN GREATNESS AND WRETCHEDNESS IN BLAISE PASCAL

Arlindo Nascimento Rocha<sup>2</sup>

#### Resumo

Blaise Pascal é o filósofo do paradoxo, pois, para ele, a verdade é a reunião dos contrários. Em sua antropologia, o homem é analisado como um ser paradoxal, ao mesmo tempo grande e pequeno, fraco e forte, grande e mísero. Essas contradições estão presentes em todos os homens, mas, a maior parte dos filósofos ao longo da história do pensamento Ocidental enxergou apenas um dos lados, ou seja, baseou-se numa visão unilateral e limitada do homem. Este artigo tem como objetivo analisar as duas vias filosóficas, pelas quais Pascal constrói o paradoxo entre grandeza e miséria, como aspecto fundamental para o estudo e compreensão do homem. Para isso, ele se apoia especialmente em dois filósofos, Epiteto e Montaigne, mostrando que, a 'verdade' de cada corrente filosófica opera como desqualificadora da 'verdade' da outra. Mas, para Pascal a verdadeira compreensão do homem, está na reunião dessas duas dimensões contraditórias, ou seja, paradoxais.

**Palavras-chave:** ser paradoxal; estoicismo e ceticismo; grandeza e miséria; paradoxo, compreensão do homem.

#### Abstract

Blaise Pascal is the philosopher of paradox, for him truth is the meeting of contraries. In his anthropology man is analyzed as a paradoxical being, at once great and small, weak and strong, great and miserable. These contradictions are present in all men, but most philosophers throughout the history of Western thought have seen only one side, that is, they have a one-sided and limited view of man. This article aims to analyze the two philosophical ways in which Pascal constructs the paradox between greatness and wretchedness, as

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado a partir da minha dissertação de mestrado, Paradoxos da condição humana: grandeza e miséria como paradoxo fundamental na filosofia de Blaise Pascal – PUCSP – 2016 e publicada em formato livro pela Editora Viseu, 2019.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciência da Religião na PUC-SP. Bolsista CAPES. E-mail: arlindonascimentorochoa@gmail.com

fundamental to the study and understanding of man. For this, he particularly supports two philosophers, Epiteto and Montaigne, showing that the 'truth' of each philosophical current operates as disqualifying the 'truth' of the other. But, for Pascal the true understanding of man lies in the meeting of these two contradictory, or paradoxical, dimensions.

**Keywords:** to be paradoxical; stoicism and skepticism; paradox; greatness and wretchedness; understanding of man.

## Introdução

Blaise Pascal, filho de Étienne Pascal, e Antoinette Begon, nasceu a 19 de julho de 1623 em Clermont en Auvergne e faleceu a 19 de agosto de 1662 em Paris. Ele foi o único filho homem do casal, que também teve mais duas filhas, Gilberte Périer, três anos mais velha e Jacqueline Pascal dois anos mais nova que Pascal. Criança precoce e prodígio, matemático e físico desde a adolescência, filósofo depois dos vinte anos, polemista e teólogo depois dos trinta (SILVA, 2012. p. 9), cientista espantosamente precoce, moralista agudo, polemista cintilante (LEBRUN, 1983. p. 14), que apesar da sua fragilidade física, soube viver intensamente sua vida com seus altos e baixos, suas vitórias e derrotas, suas decepções e contrariedades. E, por isso, nos derradeiros anos de sua vida, dedicou todo o seu tempo à escrita da sua obra prima, *Pensamentos*, infelizmente interrompida com a sua morte prematura aos 39 anos.

A família de Pascal era considerada da baixa nobreza provinciana e sobrevivia prestando serviços ao rei em atividades subalternas, e que, por diversas razões, passou por uma conversão religiosa profunda, não que não fosse religiosa, mas porque passou a ter uma forma mais fervora da vida religiosa. Mas, nessa família, cada um, segundo Henri Gouhier, passou a viver sua conversão tendo em conta sua situação. O pai continuou exercendo suas funções de comissário na coleta de impostos; Gilberte, casada com Florin Périer, viram os resultados da conversão na educação dos filhos; Jaqueline, logo após a morte do pai ingressa no monastério de Port-Royal-de-Paris e Pascal, mesmo após a as diversas conversões, continua suas pesquisas científicas (GOUHIER, 2004, p. 21). Mais tarde, Pascal decidiria entre outras tarefas, escrever um tratado sobre a natureza humana, revelando assim sua mais profunda compreensão da natureza humana, que, até hoje, tem sido readaptado e publicado em diversos países e idiomas. Suas reflexões sobre a natureza humana são aquelas que mais merecem atenção, pois, ele analisa a natureza humana como nenhum outro filósofo foi capaz de fazer até então.

De acordo com Wilhelm Dilthey “há sistemas filosóficos, que marcaram mais do que qualquer outro a consciência da humanidade, sistemas pelos quais nós sempre nos orientamos em relação ao que é filosofia” (DILTHEY, 2014, p. 15). A título de exemplo ele

elencam os seguintes filósofos: Platão, Aristóteles, Descartes, Espinosa, Leibniz, Locke, Hume, Kant, Fichte, Hegel e Comte. Eles criaram sistemas desse tipo, mas, ao contrário dos filósofos citados, Pascal não é considerado um filósofo *stricto sensu*, isto porque ele não construiu um sistema, mas, sobretudo, porque ele é inclassificável. Assim, para Peter Kreeft, “nenhum dos três grandes mestres e mais influentes homens da história, Jesus, Sócrates ou Buda escreveu uma palavra exceto na areia (Jn 8:6). Ele pensa que a mesma razão se aplica a Pascal, pela qual Deus não deixou que vivesse tempo suficiente para terminar sua apologética [...]” (KREEFT, 1993, p.11).

Pascal é considerado um filósofo cético, pois, os céuticos em geral, sempre foram conhecidos como grandes argumentadores. É certo que a maior parte das filosofias se desenvolve através de argumentações, mas, a argumentação tem um papel mais central no ceticismo, eternamente empenhada em minar e criticar as filosofias dogmáticas. Segundo Gouhier, “Pascal não se propõe a reconhecer dentre os filósofos aqueles com quem poderia, em sua apologética, trilhar uma parte do caminho até o átrio do templo [...]” (GOUHIER, 2005, p. 258). Entretanto, isso não significa que ignorasse os filósofos. “Como eles poderiam estar ausentes numa apologética que dirige aos leitores cultivados, uns tentados pelo estoicismo de Epiteto outros pelo ceticismo de Montaigne, alguns pelas novas filosofias, a de Descartes especialmente?” (Ibid., p. 258).

Pascal concordaria com Nietzsche, se interpretarmos ao pé da letra a seguinte afirmação, “o erro hereditário de todos os filósofos é basear-se no homem de uma época particular e depois transformar isso numa verdade eterna” (ALIGHIERI, 1814 *apud* SVENDSEN, 2006, p. 12). Na verdade, o que Pascal faz é discutir com amplitude as concepções do “Estoicismo e Ceticismo”, compreendendo-as como visões contrárias sobre o homem, uma vez que, para ele, tendiam para um ou para outro extremo. É com essa base filosófica que Pascal analisa essas duas maiores ‘seitas’ filosóficas, as quais possuem uma visão limitada e unilateral do homem, para elaborar uma crítica contundente, cujo objetivo é mostrar que qualquer análise parcial da natureza humana, está condenada ao fracasso.

Então, nosso objetivo com esse artigo é analisar as duas vias filosóficas pelas quais Pascal constrói o paradoxo entre grandeza e miséria, como fundamental para o estudo e a compreensão do homem, e apontar as críticas dirigidas, especialmente ao estoico Epiteto

(defensor da grandeza humana) e o céptico Montaigne (defensor da miséria humana), e, inventariar possíveis contribuições filosóficas que o levaram a compor a síntese paradoxal integrada entre grandeza e miséria humana, pois, contrariamente às visões unilaterais dos dois, Pascal, afirma que o homem é uma mistura de baixas e altas qualidades, ou seja, o homem não é 'nem anjo nem fera' embora exiba características de ambos. Por isso, "é perigoso mostrar ao homem o quanto ele é igual aos animais sem lhe mostrar sua grandeza. E é também perigoso, mostrar-lhe a sua grandeza sem a sua baixeza. É mais perigoso ainda deixá-lo ignorar uma e outra, mas, é vantajoso mostrar-lhe uma e outra" (PASCAL, 2005, p. 42. Laf. 121; Bru. 418). Isso nos permite encontrar em Pascal os elementos contraditórios, cuja própria contradição constitui o motor do progresso coletivo dos homens, em que ele foi um dos primeiros a acreditar.

### **As duas vias para a construção do paradoxo grandeza e miséria**

Ao iniciar o artigo, cuja reflexão se ancora sobre a construção do paradoxo entre grandeza e miséria em Blaise Pascal, sustentamos a tese de que a influência que os filósofos Epiteto de Hierápolis (c. 50-130 d. C.) e Michel de Montaigne (1533 – 1592), que, apesar da distância cronológica que os separa (14 séculos); e a distância que os separa de Pascal, (dezesseis séculos no caso do primeiro e um no caso do segundo), tiveram sobre ele uma influência capital na formulação do paradoxo, uma vez que ele busca integrar as duas filosofias que fazem uma leitura unilateral do homem, ou seja, o estoicismo de Epiteto e ceticismo de Montaigne.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Segundo Abbagnano (2007, p. 437), Estoicismo é uma das grandes escolas filosóficas do período helenista fundada por volta de 300 a.C., por Zenão e Cícero. Os principais mestres dessa escola foram: Zenão, Cleante de Axo e Crisipo de Soles. O Estoicismo compartilhou a afirmação do primado da questão moral sobre as teorias e os conceitos da filosofia como vida contemplativa acima das ocupações [...]. Seu ideal é de ataraxia ou apatia, ou seja, ausência de perturbação [...]; já o ceticismo significa a busca, pois, entende-se a tese de que é impossível decidir sobre a verdade ou falsidade de qualquer posição [...]. (Ibid., p. 151). O ceticismo foi definido na antiguidade por três escolas filosóficas diferentes: primeiro, pela escola de Pirro; segundo, a Nova Academia, iniciada por Carnéades e terceiro por um grupo de pensadores que atuam do último século a. C. ao século II d. C., cujos principais foram Enesidemo, Agripa e Sexto Empírico [...]. Assim, de acordo com Smith (1992, p. 18 a 80), de um modo geral podemos distinguir quatro tipos de ceticismo: o ceticismo acadêmico, o pirrônico, o fideísta e o mitigado. O primeiro começou na Academia, escola fundada por Platão; o segundo é aquele que tem a sua inspiração em Pirro, daí o nome ceticismo pirrônico ou pirronismo; o terceiro surge no renascimento com Montaigne que retoma

Na verdade, o que Pascal faz, é discutir com amplitude as visões das escolas filosóficas 'Estoicismo e Ceticismo' com visões opostas do homem, uma vez que para ele, essas escolas tendiam para um ou para outro extremo. Segundo Ben Rogers,

de um lado, havia os estoicos e dogmáticos, que assumiam uma visão altamente positiva do potencial humano. Eles não apenas davam uma rigorosa lista dos deveres do homem, mas, assumiam que eles podiam cumpri-los, eles não declaravam que ele possuía um conhecimento seguro da natureza, mas também por meio dela podiam conhecer Deus. De outro lado, havia os cétricos, incluindo os acadêmicos e epicuristas, que assumiam uma visão altamente negativa do potencial humano. Eles listavam sua ignorância da verdade e da justiça, sua fragilidade física e a fraqueza da sua vontade. Se os estoicos e seus aliados pintavam o homem como um anjo, os cétricos o apresentavam como uma fera (2001, p. 23).

Como seria impossível à Pascal fazer um estudo alargado sobre todos os filósofos pertencentes a essas duas escolas filosóficas, para a construção do paradoxo grandeza/miséria, então, ele preferiu escolher dois dos maiores representantes que, segundo ele, representavam as duas escolas da melhor forma. Assim, contrariamente às concepções unilaterais, a concepção pascaliana sobre a natureza humana passou a ser vista como dupla, ou seja, o homem passou a ser visto como um ser dividido entre duas naturezas antagônicas, porém, inseparáveis e complementares. Por isso, acredita-se que, os dois filósofos influenciaram positivamente Pascal na construção da síntese para mostrar que a 'verdade' em cada postura filosófica operava como desqualificadora da verdade da postura contrária, porque o homem é, na realidade, uma mistura paradoxal de ambas, baixas e altas qualidades, ou seja, o homem não é nem anjo nem animal, embora exiba características de ambos. Por isso, ele escolheu entre estoicos e cétricos, aqueles que ele achava que sintetizavam a visão filosófica das duas escolas; Epiteto e Montaigne. O primeiro,

---

certos traços da filosofia estoica e, em segundo momento, por uma aproximação com o ceticismo; e, por último, o mitigado, criado por David Hume. Para entendê-lo segundo ele próprio afirmava, é útil ler a obras de Descartes, Malebranche, Berkley e Bayle. Os três primeiros se ocuparam bastante do ceticismo, tentando refutá-lo, enquanto o último era um cétrico. Por sua vez, ele defende dois tipos de ceticismo: o excessivo e o mitigado. O primeiro pretendia duvidar de tudo e não ter nenhuma opinião, enquanto que o segundo não pretendia ir contra a natureza e a conduta comum do homem na vida [...].

segundo Loque, foi um filósofo pertencente ao estoicismo, corrente filosófica que floresceu a partir do período helenístico. O que chegou até nós deve-se ao seu discípulo, Arriano que compilou o *Manual e as Dissertações*, bastante citados por Pascal, já o segundo, foi um autor renascentista que trata de inúmeros temas em seus *Ensaíos*, que foram publicados em 1580 e reeditados até sua morte. Destes, Pascal privilegia um, citado nominalmente, *A Apologia de Raymond Sebond*, em que destaca o ceticismo, corrente filosófica helenística que se reavivou a partir de século XVI [...] (LOQUE, In; PASCAL, 2014, p. 19, 20).

Epiteto viveu maior parte de sua vida em Roma, como escravo a serviço de Epafrodito, secretário de Nero. Apesar de sua condição, conseguiu assistir as preleções do famoso estoico Caio Musônio Rufo. De sua obra se conservam o *Manual de Epiteto*, e alguns discursos editados pelo seu discípulo Flávio Arriano. Segundo o nosso filósofo, Epiteto é um dos pensadores que melhor conhece os deveres do homem. Ele afirma que, acima de tudo, Deus é o seu principal objeto. Ele está convencido que Deus governa todos com justiça, todos devem submeter a Ele com coração, e fazer tudo com sabedoria, uma vez que, ele mostra de mil maneiras o que se deve fazer. Assim, Deus quer que o homem seja humilde, que esconda seus bons resultados, e que execute em segredo, então, todos os estudos e todos os desejos do homem devem ser a vontade de conhecer Deus e segui-lo. (PASCAL; NICOLE; PÉRIER, 1847 p. 123). Tais eram as luzes deste pensador, que conhecia tão bem os deveres do homem, mas também as suas fraquezas. Mas, depois de ter entendido bem o que fazer, ele perdeu-se na presunção de que nós podemos. Deus, diz ele, deu a cada homem os meios para cumprir todas as suas obrigações e que os mesmos estão sempre em seu poder. Por isso, segundo Pascal,

Epiteto merece louvor por ter conhecido qual o dever do ser humano: submeter-se a Deus. É dever observá-lo em todas as coisas e escolher com benevolência tudo o que acontece, pois nada escapa ao seu governo. Agindo dessa maneira, não há sentido em lamentar-se por qualquer episódio, nem em desejar algo que cabe a outrem, porquanto o ser perfeito dirige todos os acontecimentos. Cada um deve cumprir o seu papel, qualquer que seja ele [...] (LOQUE, In: PASCAL, 2014, p. 21).

De acordo com Henri Gouhier, convém lembrar que em todas as épocas houve pensadores cristãos tentados a anexar o estoicismo, e isto particularmente na segunda

metade do século XVI, quando começam a aparecer traduções de autores estoicos em língua francesa. Gouhier assinala que apenas o estoicismo cristianizado entrou na Universidade de Lovaina com Justo Lípsio, ao passo que na França os *Colóquios* e o *Manual de Epiteto* encontram como tradutores o bispo Guillaume Du Vair e um Geral dos Folhantes, Dom Jean de Saint-François (GOUHIER, 2006, p. 131-132). Entretanto, para Dinucci, a visão moderna sobre Epiteto foi estabelecida por Adolf Bonhöffer, que sustenta a tese de que, Epiteto é ortodoxo em seu estoicismo. Segundo ele, Epiteto, nas *Diatribes* (1.4.31), elogia Crisipo como alguém que descobriu a verdade e a expôs aos homens, elogio que lembra o de Lucrécio a Epicuro em *Da Natureza*. Aulo Gélío também nos diz que os escritos de Epiteto concordam com os de Zenão e de Crisipo. Entretanto, como faz notar Dobbin, Bonhöffer se excedeu ao estender isso a todos os aspectos da filosofia de Epiteto, pois, sabe-se hoje que Epiteto foi sensível a várias influências filosóficas (DINUCCI, 2014, p. 146).

Montaigne nasceu em um estado cristão, professa a religião católica, mas, como ele queria olhar para uma moralidade baseada na razão, sem a luz da fé, ele leva seus princípios sobre esta suposição, e considera o homem destituído de toda a revelação. Por isso, coloca tudo em dúvida. O homem duvida até mesmo se duvida, sua incerteza rola sobre si mesmo em um círculo perpétuo. É nesta dúvida que se duvida, e nesta ignorância que se ignora que é a essência do seu pensamento. Segundo Jacques Attali, “contra Epiteto e em oposição ao homem triunfante do Renascimento, Montaigne, em sua *Apologia de Raymond Sebond* <sup>4</sup>, descreve um homem física, intelectual e moralmente frágil” (2003, p. 176). Ainda segundo o mesmo, “Pascal, por sua vez, além-se a mostrar que o primeiro, o estoico Epiteto, acreditou na grandeza do homem e preconizou a sabedoria, e, o segundo, Montaigne, denunciando a miséria do homem, dela deduz a sua impotência”. (Ibid.) Assim, gradualmente Montaigne destrói tudo que é considerado o mais certo entre os homens, não para estabelecer o contrário com uma certeza do que se é inimigo, mas só para ver que, as aparências são iguais em ambos os lados, ninguém sabe

---

<sup>4</sup> Essa obra nasce de uma tradução feita por Montaigne do livro *A teologia natural de Raymond Sebond* a pedido de seu pai no leito da morte. A circunstância da elaboração desse texto dos *Ensaio*s é relevante para os nossos propósitos porque, Sebond, Teólogo espanhol do sec. XV inscreve-se na tradição agostiniana. Montaigne ressalta precisamente que Sebond põe razão como submissa à fé “estabelecendo” e “verificando”, contra os ateus todos os artigos da religião cristã [...] (ROSENFELD, 1996, p. 44).

onde depositar sua crença. Essa controvérsia entre Epiteto e Montaigne, pode-se resumir como uma luta entre: o otimismo de Epiteto e o ceticismo de Montaigne, o otimismo do pagão e o pessimismo do cristão, e, em meio a tudo isso, segundo Attali (2003), há quem admire um Epiteto cristianizado e quem admire um Montaigne cético e descristianizado.

Montaigne teria enfatizado a fraqueza humana sempre dominada pela sua imaginação, volúvel e escravo da opinião pública, sujeito às doenças e à morte. Entretanto, essa visão é apenas uma parte da natureza humana, pois, para Pascal, esta é a unidade paradoxal de duas verdades contrárias, ou seja, grandeza e miséria. O homem é uma incoerência trágica, porque não se oferece ao próprio como um quadro que ele pode contemplar com indiferença [...]. Em si mesmo o homem encontra sua condição miserável, cujo sentido só poderá ser encontrado referindo-o ao seu destino sobrenatural revelado pelo Cristianismo: sua grandeza vem da sua origem divina, sua esperança na salvação é sustentada pela redenção de Jesus Cristo, sem a qual o conhecimento de Deus seria inútil para o homem (PASCAL, 1988, p. XX). Ao ler Montaigne e comparando-o com Epiteto, não se pode esconder que eles foram, sem dúvida, os dois maiores defensores das duas 'seitas' mais famosas e são os únicos, entre os homens privados da luz da religião, que estão de alguma forma relacionados.

Ao que tudo indica a origem dos erros de Epiteto e dos estoicos, por um lado, e de Montaigne e os céticos, por outro, não tem *status* diferente da condição humana na sua criação. Pois, segundo Pascal,

um notando alguns traços da sua primeira grandeza, e ignorando sua corrupção, trata a natureza humana como se não tivesse necessidade de reparo; o que os leva para o cúmulo da arrogância. O outro, sentindo sua miséria e ignorando sua primeira dignidade, trata a natureza humana como irreparável; o que precipita o homem no desespero, para alcançar um verdadeiro bem, e daí em extrema covardia (PASCAL, 1847, p. 13).

Esses dois estados, segundo Pascal, devem ser conhecidos em conjunto para conhecer a verdadeira condição humana. Quando conhecidos separadamente, levam necessariamente ao orgulho ou à preguiça, dois vícios onde estão inevitavelmente imersos

todos os homens antes da graça uma vez que, se eles não saem de seus distúrbios por covardia, saem pela vaidade, e ainda são escravos da malícia, que, como observa Agostinho, foram sacrificados de muitas maneiras. Epiteto, lutando contra a preguiça, leva ao orgulho, que poderia ser prejudicial para aqueles que não estão convencidos da corrupção de toda a justiça que não vem da fé. Pascal via em Epiteto, uma arte incomparável de perturbar o repouso daqueles que o procuram nas coisas exteriores, obrigando-os a reconhecer que são verdadeiros escravos [...] (ATTALI, 2003, p. 177). Montaigne é pernicioso, para aqueles que têm alguma inclinação à impiedade. É por isso, que estas leituras devem ser enfrentadas com grande cuidado, discrição e respeito à condição e costumes de quem aplica. É verdade que podem dar força aos problemas e aos vícios do homem, que está sendo travado por contrários; um orgulho lutador e outra indolência, e não pode ser baseado em qualquer desses defeitos de seu raciocínio, nem como escapar de todos eles. Ainda segundo Pascal, Montaigne,

é incomparável para confundir o orgulho daqueles que, fora da fé, se gabam da verdadeira justiça; para desenganar aqueles que se apegam a suas opiniões acreditaram encontrar nas ciências verdades inabaláveis. Ele submete tudo a uma dúvida universal tão generalizada que recai sobre si mesma, ou seja, se ele duvida duvidando até desta última posição, sua incerteza gira sobre si mesma num círculo perpétuo e sem repouso (PASCAL, 1963 *apud* ATTALI, 2003, p. 177).

Analisando esses dois grandes pensadores a luz da concepção moderna de Pascal, segundo nos relata Henri Gouhier (2006), ao realçar a relação entre Pascal e Descartes, afirma que, quando se fala dos dois, existe uma visão de que eram antagonistas. São poucos os que defendem que Pascal era cartesiano. Isso não significa, é claro, que Pascal aceitou tudo o que Descartes afirmou. Como construtor de um sistema filosófico, segundo Gouhier,

Descartes constata o malogro<sup>5</sup> dos filósofos que o procederam simplesmente constatando seu êxito: se o que ele diz é verdadeiro, o que os outros dizem é falso; logo a história das filosofias antes da sua não poderia interessá-lo. Por sua vez, Pascal, ao contrário de Descartes, não teve como propósito criar um sistema filosófico, tão pouco fazer discípulos, entretanto, constata o malogro das filosofias que o procederam, o malogro da filosofia; para ele a questão não era trazer uma nova filosofia, como queria Descartes (GOUHIER, 2005, p. 266).

Aliás, como nos afirma Jackson Figueiredo, em sua obra, *Pascal e a Inquietação Moderna*, “todos sabem que Pascal sempre se considerou um inimigo da filosofia, zombar da filosofia é também filosofar [...]” (FIGUEIREDO, 1922, p. 64). Ele questiona se haverá nesta ironia a expressão mesma da verdade, e responde afirmando que não, uma vez que, “Pascal tem lugar entre os maiores filósofos de todos os tempos. E no ter sido filósofo está toda a sua força, pois só assim o grande clamor da sua fé pode interessar-nos, a nós homens de análise, indagadores a quem a dúvida não deixa descansar jamais” (Ibid., 1992, p. 64). Para Rodrigo Coppe Caldeira “ao tomar Pascal como objeto de suas reflexões, parece querer denunciar o orgulho da razão de um homem entendido como autossuficiente no início do século XX, uma das principais causas da Primeira Grande Guerra, como denunciava o Papa Bento XVI [...]” (CALDEIRA, 2011, p. 264). Por conseguinte, ao olhar o passado que Descartes chama de filosofia, Pascal vê, não um, mas dois caminhos: o das ciências da natureza, que é o progresso como descrito no fragmento de *Prefácio de tratado do vácuo*, que Gouhier descreve em sua obra *Conversão e apologética* para ilustrar esse progresso,

[...] toda a sucessão dos homens, ao longo de tantos séculos, deve ser considerada como o mesmo homem que subsiste sempre e aprende continuamente; então, como a velhice é a idade mais distante da infância, quem não vê que a velhice nesse homem universal, não deve ser buscada nos tempos próximos de seu nascimento, mas nos que mais dele se afastam? Assim, aqueles que chamamos

---

<sup>5</sup> A expressão ‘malogro’ tem várias acepções. Pode ser: “ação ou efeito de malograr (-se); ausência de lucre, de sorte; dano, prejuízo, perda; falta de sucesso” [...]. Nesse contexto, podemos inferir que Descartes, em certa medida desvaloriza e mostra pouco interesse ao que os outros filósofos produziram antes dele, uma vez que, seu objetivo era fundar uma nova filosofia através da construção de um sistema inovador, ao contrário de Pascal, mesmo “zombando da filosofia” procura extrair lições para a construção não de um sistema, mas uma síntese conceitual entre o passado e o presente.

antigos eram verdadeiramente novos em todas as coisas [...]. Em suma, se há antiguidade a reverenciar é em nós que podemos encontrá-la (GOUHIER, 2005, p. 267).

O segundo caminho é aquele no qual vemos o espírito ocupar-se do que sobra na filosofia quando suprida as ciências da natureza (metafísica e moral), que se vinculam a outra perspectiva de Pascal. Nessa segunda questão, não é mais um progresso como na primeira, mas uma falência. “é preciso, portanto, mostrar que se pediu à razão para procurar o que ela é incapaz de encontrar” (GOUHIER, 2005, p. 267). Neste caso, e como afirma Pascal “o último passo da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam. Ela é apenas fraca se não vai até reconhecer isso. Que se as coisas naturais a ultrapassam, que se dirá das sobrenaturais?” (PASCAL, 2005, p. 74/Laf. 188; Bru. 267). Porém, qual ordem seguir se se quer fazer o balanço da falência?

As palavras ‘os filósofos’ não evocam no pensamento de Pascal uma porção de nomes próprios. Este parece ter tido desde muito cedo a percepção dualista como entendemos hoje, em separado das ciências da natureza, mas, os textos devem ser lidos em seus contextos, pois a percepção dualista pode ter pontos de aplicação diferentes. Segundo Gouhier (2006, p. 268), logo após a segunda conversão, quando Pascal pensa: “nos filósofos” dois nomes se destacam: Epiteto, filósofo grego pertencente à escola estoica e Montaigne jurista, político, filósofo, escritor, cético e humanista francês, considerado como o inventor do ensaio pessoal. Esses dois pensadores têm um significado muito importante para nosso filósofo, pois representam duas formas fundamentais da filosofia. Entretanto, sobre Montaigne não há mais que esperar descobertas propriamente ditas, como pensava Sainte-Beuve em 1862. Entretanto, desde essa época numerosos trabalhos renovaram um assunto que parecia esgotado, e a bibliografia de Montaigne muito se enriqueceu. Mas, ao mesmo tempo, os traços da sua fisionomia se embaralharam compondo novas feições, ou antes, dois ou três rostos diferentes, entre os quais se torna difícil escolher: não se quer mais que tenha sido, ao menos essencialmente, um cético e um delirante; atribuem-lhe uma atividade política; chegam a ver nele um soldado, não acidentalmente, mas de carreira, foi um adversário declarado da religião, um campeão da liberdade de pensamento, uma racionalista convicto[...] (MONTAIGNE, 1987, p. 3).

Epiteto e Montaigne, embora distantes no tempo e no espaço representam, como já foi dito, duas formas fundamentais da filosofia, ou seja, as duas maiores “seitas” filosóficas do mundo, o Estoicismo e o Ceticismo. Epiteto soube ver a grandeza e a dignidade da natureza humana, enquanto que Montaigne fere a soberba razão com suas próprias armas, revelando a impotência humana, mas perde de vista seu dever. Esses dois filósofos influenciaram o pensamento de Pascal na elaboração do seu conceito de homem paradoxal. Ambos trataram a grandeza e a miséria, de forma separada, o que para Pascal foi a principal fonte de erro, uma vez que, para ele: “a fonte de erro dessas duas seitas é não terem sabido que o estado presente do homem difere daquele em que foi criado” (PASCAL, 2003, p. 118).

Ao expor ao Senhor de Sacy o que a nova apologética podia extrair da filosofia, Pascal declara que, lendo Epiteto e Montaigne, achou que seriam os dois maiores defensores das duas mais célebres “seitas” do mundo e as únicas conforme a razão, já que não pode seguir senão uma das duas estradas, a saber: ou há um Deus e o soberano bem está nele, ou, Deus é incerto e o bem verdadeiro também o é (PASCAL, 1960 *apud* GOUHIER, 2005, p. 268). Ainda segundo o mesmo, essa percepção dualista não conduz a uma síntese, então, o que da nova filosofia interessa à apologética é seu malogro (GOUHIER, 2005, p. 268). Consta-se o malogro de uma e de outra, que não é acidental e que não tem outra causa senão a lógica tanto de uma como de outra. Ninguém faria melhor que Epiteto no entender de sua seita, ninguém faria melhor que Montaigne no entender da sua. Os dois trajetos são dois becos, por isso, para Pascal, é preciso sair da filosofia para encontrar a solução dos problemas que ela põe. No *Colóquio*, Pascal diz ao Sr. de Sacy “eu vos peço perdão por exaltar-me assim diante de vós na teologia, em vez de permanecer na filosofia, que era meu único assunto; mas cheguei aí insensivelmente, e é difícil aí não entrar, qualquer que seja a verdade que se trate, pois ela é o centro de todas as verdades” (GOUHIER, 2005, p. 269).

Deste modo, Pascal não cessará de olhar o mundo dos filósofos considerando os que visam demasiado alto e os que visam demasiado baixo. Epiteto e os estoicos representarão sempre os primeiros, mas, Pascal vai tornar a divergência mais sensível entre as duas “seitas” ao descer abaixo de Montaigne, no sentido do que chamaríamos de materialismo. Pascal

conhece essas duas “seitas” e diz que é inútil passar em revista todas as escolas, uma vez que se conhece aqueles que colocaram o homem igual a Deus e os que o igualaram aos animais. Para ele, os primeiros só falaram de Deus para exercitar a soberba, fazendo o homem acreditar que era semelhante e conforme a Ele por natureza; os segundos lançaram o homem noutra precipício, dando a entender que a natureza do homem era igual a dos animais, como Pascal descreve no seguinte fragmento:

[...] são acaso os filósofos que nos propõem, como único bem, os bens que estão em nós? Encontram eles o remédio para os nossos males? Seria ter curado a presunção do homem tê-lo em pé de igualdade com Deus? Aqueles que nos igualaram aos animais e os maometanos que nos deram os prazeres da terra como único bem, mesmo na eternidade, acaso nos trouxeram o remédio para as nossas concupiscências? [...] É em vão, ó homens, que buscais em vós mesmos os remédios para vossas misérias. Todas as vossas luzes não podem levar a outra coisa que não seja conhecer que não é em vós mesmos que encontrareis a verdade nem o bem. Os filósofos vô-lo prometeram e não puderam fazê-lo. Eles não sabem nem qual é o vosso verdadeiro bem, nem qual é o vosso verdadeiro estado. Como teriam dado remédios para vossos males que são o orgulho que vos subtrai de Deus, a concupiscência que vos prende a terra; e outra coisa não fizeram senão fomentar pelo menos uma dessas doenças. Se eles vos deram Deus por objeto, foi só para excitar a vossa soberba, fizeram-vos acreditar que éreis semelhantes e conformes a ele por vossa natureza. E aqueles que viram a vaidade dessa pretensão vos lançaram noutra precipício, dando-vos a entender que a vossa natureza era igual à dos bichos e vos levaram a buscar o vosso bem nas concreções que são o quinhão dos animais [...] (PASCAL, 2005, p. 62, 64/ Laf. 149; Bru. 430).

Ao analisarmos o pensamento antropológico de Pascal, em torno do paradoxo grandeza e miséria, verificamos que, o esquema dualista corresponde à natureza do homem. Os dois tipos de filosofia tem por origem o orgulho e a concupiscência. Segundo Pascal, “o orgulho contrapesa e carrega todas as misérias. Eis aí um estranho monstro e um extraviado bastante visível. Ei-lo caído do seu lugar, ele o busca com inquietação. É o que fazem todos os homens [...]” (PASCAL, 2005, p. 195/Laf 477; Bru. 406). E “há quem veja claramente que não existe outro inimigo do homem a não ser a concupiscência que o desvia de Deus e não (inimigos), nem outro bem senão Deus, e não a terra rica” [...] (Ibid., 2005, p. 106/Laf.

269; Bru. 692). Por isso, fica claro no fragmento *Razão dos efeitos* que “a concupiscência e a força são as fontes de todas as nossas ações. A concupiscência faz as voluntárias; a força, as involuntárias” (Ibid., 2005, p. 34/Laf. 96; Bru. 329). Então, as filosofias não são, portanto, obra da razão sozinha: eles têm raízes psicológicas nas paixões da alma.

Segundo Gouhier (2005, p. 270), este esquema dualista é importante, pois, não propõe a escolha entre as duas grandes escolas filosóficas, ou seja, não há escolhas entre duas maneiras de racionalizar duas concupiscências; a questão não poderia ser: uma ou outra? A decisão é necessariamente: nem uma nem outra. Levanta-se a seguinte questão: em quem pensa Pascal para representar a terceira via? Gouhier nos mostra que Pascal retoma seu esquema dualista, ou seja: o assunto, clássico nas tragédias como em filosofia é a guerra entre a razão e as paixões. Segundo Pascal,

essa guerra interior da razão contra as paixões fez com que aqueles que queriam ter a paz se dividissem em duas seitas. Uns quiseram renunciar às paixões e tornar-se Deuses, os outros quiseram renunciar à razão e tornar-se animais brutos [...]. Mas não o puderam, nem uns nem outros, e a razão sempre permanece a acusar a baixeza e a injustiça das paixões e a perturbar o repouso daqueles que a elas se abandonam. E as paixões estão sempre vivas naqueles que a elas querem renunciar (PASCAL, 2005, p. 156/Laf. 410; Bru. 413).

Podemos ver que as duas seitas vão até o fim dos dois trajetos divergentes que nunca se cruzam. O homem que se faz Deus e o homem que se faz bicho,

nenhum outro soube que o homem é a mais excelente das criaturas. Uns, que conhecem bem a realidade de sua excelência, tomaram por covardia e ou ingratidão os sentimentos baixos que os homens naturalmente têm por si mesmo; outros sem conhecerem bem quanto essa baixeza é efetiva, trataram de soberba ridícula esses sentimentos de grandeza que são também naturais no homem. Levantai os olhos para Deus, dizem uns; vede aquele a quem vos assemelhais e que vos faz para adorá-lo. Podeis tornar-vos semelhantes a ele; a sabedoria vos igualará a ele se quiserdes segui-lo. Levantai a cabeça, homens livres, diz Epiteto. E os outros lhe dizem: baixai os olhos para o chão, frágil verme que sóis, e olhai para os bichos de que sóis companheiro. Quem se tornará então o homem? Será igual a Deus ou aos bichos? Que espantosa distância! Quem seremos nós então? Quem não vê em tudo isso que o homem está extraviado, que caiu do seu lugar,

que busca com inquietação, que não consegue mais encontrá-lo? E quem dirá que o dirigirá para esse lugar? Os maiores homens não puderam fazê-lo (PASCAL, 2005, p. 174/Laf. 430; Bru. 431).

Para Gouhier, o esquema procura exprimir sua dualidade tanto na imagem de dentro e de fora, quanto naquela do alto e do baixo. “Os estoicos dizem: entrai dentro de vós mesmos, e aí encontrareis o repouso, e isso não é verdade. Os outros dizem: sai fora e procurai a felicidade na diversão. E isso também não é verdade, chegam as doenças” (PASCAL, 2005, p. 155/Laf. 407; Bru. 465). Disso conclui-se que, a felicidade não está nem dentro e nem fora de nós, pois, segundo Pascal, ela está em Deus, e dentro e fora de nós. Segundo Gerard Lebrun, é sedutora a ideia de corrigir um pelo outro; o Estoicismo e o Ceticismo, mas, olhando mais de perto, essa aliança seria impossível, pois, Epiteto e Montaigne não se podem completar, uma vez que, o primeiro reconheceu a grandeza do homem e ignorou a corrupção, o segundo por sua vez, reconheceu sua miséria, mas ignorou a sua primeira dignidade. Cada qual descreveu o homem unilateralmente (LEBRUN, 1983, p. 74).

Entretanto, ao determos um pouco mais no estudo desses dois autores, podemos observar que, tanto o Estoicismo de Epiteto, assim como o Ceticismo de Montaigne tiveram uma importância capital para que Pascal pudesse formular sua própria concepção de homem. Podemos até afirmar que sua visão de homem, pode ser considerada com uma síntese da controvérsia entre Epiteto e Montaigne, entretanto, para Lebrun, para que possamos manter juntas as imagens do homem que nos são oferecidas, precisamos harmonizar a contrariedade, para isso, é preciso distinguir, uma *natura* íntegra (antes da queda) e uma *natura* lapsa (depois da queda) [...]. Pascal mostra que somente a distinção das duas naturezas é capaz de dar conta do paradoxo que os pagãos não podiam nem mesmo enfrentar, pois, um atribuía a grandeza à natureza e o outro a fraqueza a essa mesma natureza, o que não podia subsistir; ao passo que a fé nos ensina a colocá-los em sujeitos diferentes: tudo o que há de enfermo pertencendo à natureza, tudo o que há de poderoso pertencendo à graça. Assim, para Lebrun (1983, p. 75), “Epiteto e Montaigne não são conciliáveis, mas sim conectáveis, graças a esse desdobramento que cada qual deles ignorou”.

Por isso, Pascal não se restringe nem a uma nem a outra corrente, mas tenta mostrar que esse esquema dualista faz parte da natureza humana como ser único que comporta tanto a miséria quanto a grandeza como unidade indissociável quando se fala do homem. Com muita maestria Pascal analisou os argumentos de ambos, e conseguiu transcender além das respectivas teorias, na busca e descoberta da verdade sobre a natureza humana, ou seja, tornar pensável a grandeza e a miséria do homem de forma integrada.

### Considerações finais

É inequívoco que, as duas vias filosóficas para a construção do paradoxo grandeza/miséria, em Pascal que consideramos fundamental na sua antropologia, teve como precursores dois filósofos: Epiteto e Montaigne, cada um representando uma corrente filosófica diferente, o Estoicismo e o Ceticismo, sendo que, cada uma, segundo foi visto, apresenta uma análise unilateral do homem. Epiteto e Montaigne, embora distantes no tempo e no espaço representam duas formas fundamentais da filosofia, ou seja, as duas maiores 'seitas' do mundo. Segundo Rocha (2017), sem dúvida, um dos textos mais notáveis que Pascal esboçara dentro da sua antropologia teológica, o conceito de homem paradoxal, é a *Conversa com o Senhor de Sacy sobre a leitura de Epiteto e Montaigne*, publicado após a morte de Pascal. Ele explicita sua compressão de modo como a leitura de ambos se relaciona ao cristianismo e, assim embrenha-se na questão da utilidade da filosofia, o que havia sido instigado a fazer pelo Senhor de Sacy.

O primeiro soube ver a grandeza e a dignidade da natureza humana, enquanto que o segundo fere a 'soberba razão' com suas 'próprias armas' e revela a impotência humana, mas perde de vista seu dever. Esses dois filósofos, embora de forma diferente influenciaram o pensamento de Pascal na elaboração do seu conceito de homem paradoxal, cindido entre miséria e grandeza. Pascal apresenta de forma sistemática ser conhecedor dessas duas posições antagônicas, cujo objetivo era mostrar que nenhuma análise unilateral ou parcial do homem é capaz de dar conta de explicar a verdadeira condição do homem. Em Pascal, como vimos o homem é um composto integrado de miséria e grandeza, portanto, nem Epiteto, nem Montaigne estavam certos ao defenderem suas teses, uma vez que segundo Pascal, a verdadeira condição do homem, só pode estar na conjugação

dessas duas posições radicais e antagônicas sobre o homem.

Segundo Loque (2014), a origem da *Conversa de Pascal com o Senhor de Sacy* remonta ao retiro de Pascal, porém, Fontaine, seu autor não precisou os encontros entre os interlocutores, o que significa dizer que o opúsculo não é um relato testemunhal [...]. O diálogo entre ambos, que aparentemente trataria exclusivamente de Epiteto e Montaigne, aborda na verdade muito mais que as filosofias estoica e cética, já que acaba por adentrar a teologia e discutir o valor da filosofia. Segundo Loque (2014, p. 17), Jean Mesnard afirma que “a discussão acerca desse valor possui um caráter eminentemente pedagógico e remonta aos debates que então se travavam sobre a utilização de leituras filosóficas na educação”. Assim, na discussão analisa-se sua utilidade para o cristianismo e as intervenções do Sr. de Sacy conduzem Pascal a não apenas descrever os dois autores, mas a falar como se relacionavam à religião (PASCAL, 2014, p. 17, 18).

Para nós, nada é mais claro na antropologia pascaliana do que o paradoxo entre miséria e grandeza, aliás, são vários os fragmentos que sustentam essa tese, que também pode ser observado de forma empírica, quando paramos para questionar as ações, os acontecimentos, as motivações que levam o homem a agir e ser quem ele é. Não é difícil enxergar que o homem se revela ao mundo apresentando ainda traços de grandeza, e traços de infinitas misérias existenciais, fruto da ruptura com o seu Criador. Mas podemos estar certos de que não pode haver miséria humana que venha anular completamente a grandeza divina, nem distância que não possa ser transposta pela graça reconstituente do elo entre Criador e criatura.

Como se observa, na *Conversa Pascal* apresenta teses contrárias, por um lado, Epiteto, o estoicismo, o dever e o orgulho, a grandeza e a incompreensão da corrupção; por outro lado, Montaigne, o ceticismo, a impotência, a indolência, a miséria e a incompreensão da primeira natureza. Fica claro que, foi assim que Pascal e o Sr. de Sacy finalmente chegaram a um acordo quanto à leitura desses dois filósofos, embora de maneiras diferentes: o Sr. de Sacy chegando lá de uma só vez, mediante a clara visão do cristianismo e Pascal chegando lá após muitas voltas, sem largar os princípios dos seus filósofos (PASCAL, 2003, p. 122).

A conclusão pascaliana é que, a filosofia, a despeito do seu perigo não deve ser descartada: em primeiro lugar, porque, dadas as suas contradições e a incapacidade de explicar a condição humana, pode levar a uma compreensão do cristianismo; em segundo, porque, perturbando os vícios, pode levar ao impulso pela fé. Dessa maneira, mesmo que não for capaz de interpretar Epiteto e Montaigne a ponto de alcançar a compreensão cristã da dualidade humana, poderá beneficiar com sua leitura na medida em que será obrigado a agir e viver de uma maneira nova. Eis a importância da leitura desses dois autores, ao menos em potencial: ela desafia a razão a superar-se e instiga a vontade a reorientar-se. Se a filosofia é útil, enfim, é porque conduz para além de si mesma. Segundo Lebrun, para ter chance de manter juntas as duas imagens do homem que nos são oferecidas, precisamos harmonizar a contrariedade; para isso, desdobrar essa 'natureza' que nos dão como única, é distinguir uma natureza íntegra e uma natureza lapsa. Pascal mostra que somente a distinção das duas naturezas é capaz de dar conta do paradoxo, pois, um atribuída a grandeza à natureza e o outro a fraqueza a essa mesma natureza, o que não podia subsistir, ao passo que a fé nos ensina a colocá-los em sujeitos diferentes. Assim, Epiteto e Montaigne não são conciliáveis, mas são conectáveis, graças a esse desdobramento que cada qual deles ignorou (LEBRUN, 1983, p. 75).

Em suma, corroboramos a tese de Silva (2015, p. 9), que afirma que, "Pascal deplora as escolhas unilaterais que os filósofos foram levados a fazer no esforço de produzir um conhecimento não contraditório sobre o homem". Segundo ele, há aqueles que consideram unicamente a miséria, para construir uma concepção do ser humano; há outros que privilegiam a grandeza para definir o homem. Nesses casos, o erro é motivado pelo apego a uma verdade parcial. Para Silva, a compreensão do ser humano exige que se relacionem duas verdades, mas, como a razão tem dificuldade para aceitar que a verdadeira compreensão está em assumir a contradição, ela prefere buscar o grau de clareza relativo que pode oferecer por uma explicação parcial e incompleta a enfrentar a complexidade de uma oposição inconciliável. Entretanto, para Pascal, só o evangelho pode unir esses opostos transcendendo-os, uma vez que, só o comedimento leva ao equilíbrio dos opostos e leva o homem a realizar a sua verdadeira essência, superando sua desarmonia interna e externa, visando unir-se consigo mesmo

antes de almejar unir-se a Deus. O caminho para essa união dá-se pela compreensão dos contrastes inerentes a condição humana. Então, torna-se necessário defrontar a situação com coragem para combater e vencer o velho homem e o novo homem em nós (KELLY, 2015). Segundo ele, Cristo voltará um dia para trazer a história humana, com toda a sua grandeza e miséria, a uma conclusão definitiva. Sua causa como mediador entre o homem e Deus será justificada e seus discípulos fiéis serão recompensados. A imagem da grande final é evocada no Apocalipse (14: 14, 15, 16): Depois disso, olhei: havia uma nuvem branca, e sobre a nuvem alguém sentado, semelhante a um filho do Homem, com sua coroa de ouro na cabeça e nas mãos uma foice afiada. Nisto, outro Anjo saiu do Templo, gritando em alta voz ao que estava sentado sobre a nuvem; 'lança tua foice e ceifa'. Chegou a hora da ceifa, pois, a ceara da terra esta madura. O que estava sentado na nuvem lançou então sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada (BÍBLIA, 1973, 3217).

Só resta ao homem viver na esperança, se ele souber que todas as coisas terminarão bem com a vinda de Cristo, o redentor. Sua soberania será definitivamente estabelecida, e todas as pessoas serão submetidas ao seu gentil reinado, que durará para sempre. Até esse dia chegar, devemos ser fiéis e esperar por Ele com esperança, pois, ele é o único caminho que leva ao Senhor, uma vez que, o homem sozinho está condenado à perdição, tendo em conta que, ele é um indivíduo, mas é também uma síntese paradoxal da humanidade, e os paradoxos da humanidade são de certa maneira os paradoxos do homem.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. - 1ª ed. Coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Beneditti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ATTALI, Jacques. *Blaise Pascal ou o gênio francês*. Tradução de Ivone Castilho Beneditti; revisão técnica Sérgio Fernando Torres de Freitas. - Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003. (Coleção Ciências Sociais).

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Tradução das introduções e notas de La Saint Bible, publicada sob a direção da "Ecole Biblique de Jerusalém", 1973.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. *Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II*. Curitiba: Editora CRV, 2011.

DILTHEY, Wilhelm. *A essência da filosofia*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes 2014. (Coleção textos filosóficos)

DINUCCI, Aldo Lopes. *Apresentação e tradução da Diatribe 1.1 de Epiteto*. Archa: revista de estudos sobre as origens do pensamento ocidental, v. 13, n. 13, p. 143-157, 2014.

FIGUEIREDO, Jackson de. *Pascal e a inquietação moderna*. Rio de Janeiro: Editora Centro D. Vital, Anuário do Brasil; Rio de Janeiro: Seara Nova; Lisboa, Porto: Renascença portuguesa, 1922.

GOUHIER, Henri Gaston. *Blaise Pascal: Conversão e apologética*. Tradução de Éricka Marie Itokusa e, Homero Santiago. São Paulo: Discurso Editorial, 2006.

KELLI, Francis D. *Reflexões para festas litúrgicas*. Tradução de Júlio de Andrade Filho. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2015.

KREEFT, Peter. *Cristianity for modern pagans: Pascal's Pensées*. Edited, Outlined and explained. San Francisco: Ignatius press, 1993.

LEBRUN, Gerard. *Blaise Pascal: voltas, desvios e reviravoltas*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

MONTAIGNE, Michel. *Ensaio*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Hucitec, 1987.

PASCAL Blaise. *Conversa com o Senhor de Sacy sobre Epiteto e Montaigne e outros escritos*. São Paulo: Alameda, 2014.

\_\_\_\_\_. *Do espírito geométrico e da arte de persuadir*. Seleção, tradução e notas: Henrique Barrilaro Ruas. Estudo de: Eduardo Abranches de Soveral. Porto, Portugal: Porto Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pensamentos*. 2. ed. Apresentação de notas Louis Lafuma; Tradução Mário Laranjeira, Revisão técnica Franklin Leopoldo e Silva, revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar; introdução da edição brasileira Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Paidéia).

- \_\_\_\_\_. Pensamentos. - 4. ed. Introdução e notas de Ch. – M. des Granges; tradução de Sérgio Milliet. - São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. *Pensées de Blaise Pascal; Précédées de sa vie par Mme Périer, sa soeur.* Librairie de Firmin Didot Frères, imprimeures de L'institut, Rue Jacob, 1847.
- \_\_\_\_\_. PÉRIER, Gilberte; NICOLE Pierre. *Pensées de Pascal et Nicole.* Paris, Librairie de Firmin Didot Frères, Hippimeurs de L'Institutem Bub Jacok 56. 1847.
- ROGERS, Bem. *Pascal: elogio do efêmero.* Tradução de Luiz Felipe Pondé. - São Paulo: Editora UNESP, 2001. 65p. – (Coleção grandes pensadores).
- ROCHA, Arlindo Nascimento. *A condição humana no cristianismo pascaliano: o paradoxo entre grandeza e miséria.* Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 2, v.1. p 331-351, Abril de 2017. ISSN:2448-0959
- ROSENFELD, L. Denis. *Descartes as peripécias da razão.* Revisão de Ana Paula Cardoso. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1996.
- SILVA, Antônio G. da. *Pascal: Cientista e filósofo místico.* São Paulo: Lafonte, 2012. (Coleção pensamentos & vida; v. 9).
- SMITH, Plínio Junqueira. *O que é o ceticismo?* 1ª ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1992. (Coleção primeiros passos).
- SVENDSEN, Lars. *Filosofia do tédio.* Tradução. Maria Luiza X. de A. Borges.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

Submissão do texto: 14/04/2020

Aprovação do texto: 24/06/2020